



Greve USP

# Salários cortados

Professores e funcionários da instituição de ensino não receberão por dias parados

JULIANA FRANCO

Da Gazeta de Piracicaba

juliana.franco@gazetadepiracicaba.com.br

**A** greve por reajuste salarial dos professores e funcionários da USP (Universidade de São Paulo) teve início há mais de dois meses e, na última quarta-feira, 30 de julho, os funcionários que aderiram ao movimento foram informados de que não receberão pelos dias parados - decisão que atinge o campus da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), em Piracicaba. Estes podem ver quantas faltas têm pelo sistema interno.

Por meio de nota da reitoria, a instituição de ensino informou que "a pedido dos dirigentes das unidades e órgãos da universidade, foram enviadas orientações relacionadas ao registro dos dias não trabalhados dos funcionários que estão em greve, em todos os campi, nas respectivas folhas de frequência. Esses registros resultarão em desconto nos salários".

Para o diretor estadual do Sindicato dos Trabalhadores da USP (Sintusp), Ony Rodrigues de Campos, a decisão dá ainda mais força ao movimento. "Estamos dormindo dentro da Esalq. O prédio do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada) foi ocupado e os funcionários são impedidos de entrar. O pessoal precisou se virar para realizar as



Manifestantes no campus da escola foram informados de que não irão receber pelos dias parados

suas tarefas", afirma. "Se o reitor achava que, por meio da ação, ia acabar com o movimento, ele se enganou. A greve cresceu", completa.

Na próxima segunda-feira, 4, o reitor marcou reunião com dirigentes da USP, em São Paulo, às 14h. "A reunião seria hoje, mas ele adiou o encontro", revela Campos.

Por meio de nota, o Cepea informou que um escritório foi alugado em uma área comercial de Piracicaba para garantir uma

estrutura de contingência. "O fechamento do prédio foi uma surpresa, mas já estamos tomando as providências para mantermos tanto quanto possível as atividades essenciais".

## AULAS

Apesar de ser prejudicado com a greve, a USP informa que as aulas retornam na segunda-feira, 4, como previsto no calendário acadêmico. Sem as notas, a matrícula do segundo semestre

não poderia ser feita, mas a reitoria alterou o sistema para permitir o cadastro.

Segundo informações da universidade, apenas 10% dos funcionários aderiram à paralisação, mas o Sindicato dos Trabalhadores da USP (Sintusp) aponta adesão maior: 80% dos servidores cruzaram os braços. A conversa entre o Conselho dos Reitores das Universidades Estaduais de São Paulo (Cruesp) e funcionários das três instituições de ensino - USP, Unicamp

(Universidade Estadual de Campinas) e Unesp (Universidade Estadual Paulista) - deve continuar emperrada até a rodada de negociações em 3 de setembro.

O estopim da greve se deu após a decisão do Cruesp de congelar os salários dos funcionários das instituições. Segundo Campos, a categoria reivindica 9,78% de aumento.

A data-base da categoria é primeiro de maio - são três categorias dentro das instituições de ensino: básica, técnica e superior. Apenas na Esalq, são mais de 1.100 funcionários. Mais de 350 profissionais aderiram ao movimento, segundo o sindicalista.

No campus, a greve dos docentes teve início no dia 2 de julho. De acordo com o professor do Instituto de Geociências da Universidade e presidente da Associação dos Docentes da USP (Adusp), Ciro Correia, o movimento mostra que os professores dizem não à postura da nova reitoria da instituição e também do Cruesp, que congela os salários em 2014. Hoje, na Esalq são 260 docentes.

A categoria reivindica a reposição da inflação no período de maio de 2013 a abril deste ano, de 7,05%, segundo o Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), e mais 3% referentes a perdas históricas de salários. "Mas os 3% podem ser negociados", diz Correia.

Christiano Dami Neto